

20. O máximo cuidado universal

Este olhar de compaixão, esta consideração misericordiosa que Cristo nos ensina, com o qual Cristo nos olha sempre, deve nos levar a não esquecer de olhar Cristo em nossa volta, evitando contristá-lo com a nossa distração e ingratidão. Ele nos olha, Ele cuida de nós. E nós, O vemos? Cuidamos Dele?

Falando de consideração, São Bento nos ensina a cuidar dos irmãos e irmãs com os olhos fixos em Jesus Cristo, presente neles. Quando se tem a consciência que no próximo está Jesus, quando estamos atentos à Ele no irmão, na irmã, para São Bento é como se já se realizasse o cuidado certo, que devemos ter uns pelos outros e para com todos. São Bento lembra o abade, celereiro, enfermeiro, mestre de noviços, responsável pela hospedaria, os anciãos espirituais e toda a comunidade de cuidar do próximo, no âmbito da própria responsabilidade e em todas as ocasiões. Mas não entra nos detalhes sobre como se deve cuidar de todos. A Regra não nos dá tratados de medicina, psicologia, gestão hoteleira, gestão econômica, formação de jovens, etc... Tudo isto, como diz Jesus, também fazem os publicanos e os pagãos (cfr. Mt 5,47). É o olhar para a pessoa que converte o cuidado que somos chamados a oferecer. E a novidade deste olhar é reconhecer Jesus em cada homem, especialmente naquele que mais precisa de cuidados e amor.

Por isso, São Bento pede ao abade, à comunidade e ao celereiro, um "cuidado antes de tudo e acima de tudo – *ante omnia et super omnia*", um "cuidado máximo – *cura maxima*", por exemplo, para com os irmãos enfermos (RB 36,1.6.10). Simplesmente porque Jesus disse: "estava doente e viestes me visitar" e "aquilo que fizestes a um só destes pequeninos (*minimis*), fizestes a mim" (RB 36,2-3; cf. Mt 25,36.40).

O abade deve ter, mesmo com um rebanho indisciplinado, um "cuidado universal – *universa cura*" (RB 2,8), isto é, um cuidado o qual se consuma completamente, todas as forças, todos os meios, para salvar as ovelhas.

Não quero me deter sobre isto, porque o essencial é a consciência de que toda a novidade do cuidado cristão do próximo, é a intensidade de atenção e solicitude que deveria provocar em nós o reconhecimento de Cristo, a fé na sua presença, que nos pede amor do profundo da miséria humana, que Ele abraçou na Cruz.

Santa Teresa de Calcutá, viveu toda a sua vida e missão, ouvindo nos mais pobres, e em todos os que encontrava, o grito de Jesus na Cruz: "Tenho sede!" (Jo 19,28). E o "máximo cuidado", o "cuidado universal" que teve, foi todo motivado por este grito, foi em resposta a este grito.

Quando cuidamos assim do próximo, não lhe damos apenas o cuidado que precisam no momento, mas misteriosamente lhe damos também Cristo, o encontro com Ele dentro da miséria em que vive, dentro da fragilidade em que vive. Ajuda-se também a reconhecê-lo presente em sua vida, em seu coração, em seu sofrimento e no seu desejo de salvação. Como vimos para os enfermos: estes também, escreve São Bento, devem ser ajudados a reconhecer Jesus presente neles, e a encontrar uma satisfação tal que os ajude a não se queixar de tudo: "os enfermos considerem que são servidos em honra a Deus e não entristeçam com sua superfluidade aos irmãos que lhes servem" (RB 36,4). Mas se os enfermos não conseguem enxergar isto, é necessário continuar a servi-los com paciência,

porque somente o "máximo cuidado" de Cristo pode ajudá-los a reconhecê-Lo (cf. 36,5-6).

Tudo isto nos lembra que aquilo que nos faz verdadeiramente misericordiosos, aquilo que nos faz verdadeiramente capazes de cuidar do outro, além das nossas forças, nossos sentimentos e o tamanho do nosso amor, é todo o caminho de educação à preferência de Cristo, que a Igreja e São Bento nos ajudam a fazer. Se quisermos crescer na capacidade de ter cuidado com o outro, de ser "próximo", de ser "Bom Samaritano" dos outros, temos que começar e recomeçar sempre do "não antepor nada ao amor de Cristo" (RB 4,21).

Significativamente, este instrumento das boas obras, do capítulo 4 da Regra, São Bento praticamente o coloca como ápice e resumo de uma lista de obras de misericórdia corporais e espirituais.

"Reconfortar os pobres.

Vestir os nus.

Visitar os enfermos.

Sepultar os mortos.

Socorrer na tribulação.

Consolar o que sofre.

Fazer-se alheio às coisas do mundo.

Nada antepor ao amor de Cristo" (RB 4,14-21)

É como no fim de toda a lista dos instrumentos das boas obras, quando Bento resume cada preceito e conselho, convidando-nos à esperança invencível na misericórdia de Deus: "nunca desesperar da misericórdia de Deus" (RB 4,74).

No meu santinho de Profissão Solene, coloquei estas duas frases: "Nada antepor ao amor de Cristo" e "Nunca desesperar da misericórdia de Deus". Creio seja importante não separá-las, e deixar que se iluminem reciprocamente, iluminando todos os outros empenhos relacionados a nossa fé e à nossa vocação.

O amor de Cristo, preferido a tudo, é o Seu amor por nós, mas também o nosso amor por Ele. Além disso, é o Seu amor para com todos. E a misericórdia de Deus, da qual nunca devemos desesperar, é a Sua misericórdia para conosco e para com todos, isto é, a Sua misericórdia para conosco que somos chamados a transmitir a todos. Não devemos desesperar que Deus tenha misericórdia de nós, mas nem mesmo que Deus nos conceda ser misericordiosos com todos, por exemplo, com os nossos inimigos. De fato, este último instrumento das boas obras, vem imediatamente após dois instrumentos sobre o amor aos inimigos:

"Orar, no amor de Cristo, pelos inimigos.

Voltar à paz, antes do pôr-do-sol, com aqueles com quem teve desavença.

E nunca desesperar da misericórdia de Deus" (RB 4,72-74).

Poderíamos resumir que somos chamados a não antepor nada ao amor de Cristo (4,21.72a), rezando pela reconciliação de todos e com todos (4,72b-73), com fé e esperança totais na misericórdia do Pai (4,74).

E nisto me parece sintetizar toda a Regra de São Bento, e a vocação cristã que nos chama a sermos, no mundo, pessoas e comunidades, em que a misericórdia do Pai se encarna na caridade, como em Jesus Cristo, que nos amou até à morte, e morte de Cruz.